

PIAGET, VIGOTSKY E WALLON: CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL

*Lindinalva de Souza Ludwig da Motta¹
Isabel Cristina de Mattos Ramos²*

Resumo

O presente artigo foi escrito por duas professoras de Educação Infantil, durante o Curso de Pós-graduação *Latu Sensu*, em Ciências da Educação, que inquietadas com os Paradigmas educacionais, desafiaram-se a pesquisar as contribuições dos especialistas em infância, Piaget, Vygotsky e Wallon. Bem como, as relações entre os fatores biológicos e sociais e os aspectos cognitivos e afetivos da psicologia humana. O texto implica uma revisão teórica e o aprofundamento dos estudos neste cenário, para a otimização da prática docente.

Palavras-chave: Pesquisadores; educação; sociointeracionismo; paradigmas; crianças.

Introdução

O referido artigo traz estudos acerca do desenvolvimento infantil baseado em três pesquisadores de renome nacional e internacional: Piaget, Vygotsky e Wallon. Eles perceberam que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio, ou seja, da interação com os outros e com o ambiente.

Estes autores foram os grandes construtores das ideias sociointeracionistas, trazendo suas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, bem como, as relações entre os fatores biológicos, sociais e os aspectos cognitivos e afetivos da psicologia humana. O texto possibilita aos leitores uma revisão teórica contribuindo para a construção de uma ação reflexiva na faixa etária dos zero aos cinco anos, mantendo uma postura ética,

¹ Estudante de pós-graduação em Ciências da Educação na FACIMAB - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Marabá. Professora de Educação Infantil na rede municipal e professora dos Primeiros Anos de Educação Básica na rede estadual no município de Carazinho - RS. E-mail: lindinalvaludwig@gmail.com

² Estudante de pós-graduação em Ciências da Educação na FACIMAB - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Marabá. Professora de Educação Infantil na rede municipal e professora dos Primeiros Anos de Educação Básica na rede estadual no município de Carazinho - RS. E-mail: chrismatttos@gmail.com

acadêmica e profissional frente ao aluno e à instituição, evidenciando compromisso e responsabilidade.

O artigo corrobora para uma reflexão baseada na perspectiva sociointeracionista, abordando as ideias destes pesquisadores que foram precursores da Educação.

Opções Teóricas Construtivistas: Sociointeracionismo

Durante muitos séculos a educação foi vista como algo isolado do dia a dia das pessoas, assim como da realidade social. Porém com a modernidade e com o avanço da tecnologia, e, principalmente na área da medicina, percebeu-se que se complicava o que na verdade era simples, pois partindo do conhecimento e da bagagem cultural que o aluno já havia adquirido, ficava mais fácil compreender o que era novo, ou seja, o que ele desconhecia. Portanto, a perspectiva sociointeracionista nasce da necessidade de modificar antigos conceitos que sufocam as crianças nas salas de aula com atividades monótonas que não fazem sentidos, ou simplesmente inibem o desenvolvimento natural destas crianças.

Para (OLIVEIRA 1996) é na interação social que a criança entra em contato com o mundo e se utiliza de instrumentos mediadores, desde o nascimento, sendo que o primeiro contato é o seio materno, com o movimento de sucção que faz para se alimentar.

Com o nascimento, o bebê logo descobre que quando chorar alguém virá satisfazer suas necessidades, sejam elas alimentícias ou higiênicas. Por isso que o choro é a primeira linguagem que o bebê produz. Sendo assim, a estimulação social e pessoal que ele recebe das pessoas que o rodeiam e os fatores psicológicos ainda não estão predeterminados, pois serão adquiridos mediante a interação com o meio físico e social que o envolve desde o momento em que nasceu. Portanto, podemos perceber que o contato com as outras pessoas é o que acaba em aprendizagem. É o que ressalta (OLIVEIRA, 1996, p.29-30):

No sociointeracionismo aprendizagem, ensino e desenvolvimento são processos distintos que interagem dialeticamente. Eles não existem de forma independente, mas possibilitam a conversão de um no outro, isto é, a aprendizagem promove o desenvolvimento e este anuncia novas possibilidades de aprendizagem não é possível, porque o conhecimento passa, necessariamente, pela mediação do outro.

Interagir com a criança, de início é uma questão de sobrevivência, mas com o passar dos anos, isso se torna necessidade e uma possibilidade de autonomia através da transmissão de valores, crenças, hábitos, técnicas, imbuídos de significados culturais, cujo domínio será essencial para o desenvolvimento dessa criança. Para tal, a escola deve promover uma interação com a criança que deve ir além do que a família oferece para que esta venha a desenvolver a consciência e a noção de si e do outro que o rodeia. Pois é na interação social que se formam as funções psicológicas que se articulam com movimento, desenvolvimento e ensino-aprendizagem no espaço virtual da zona de desenvolvimento proximal das crianças, o que segundo o autor citado acima (2001, p.45):

A formulação de uma perspectiva sociointeracionista nos leva a sublimar a impossibilidade teórica e prática de desvincular as dimensões desenvolvimento, aprendizagem e ensino; cognição e afeto; conceitos espontâneos e típicos visto comporem, de forma dinâmica e dialética, o sistema cognitivo.

Estudos acerca do desenvolvimento infantil por três pesquisadores de renome nacional e internacional, sendo eles Piaget, Vygotsky e Wallon, perceberam que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio, ou seja, da interação com os outros e com o ambiente. Estes autores foram os grandes construtores das ideias sociointeracionistas que servem hoje de base para as nossas pesquisas.

Piaget¹ pesquisou por mais de cinquenta anos para responder a seguinte pergunta: Como se estrutura o conhecimento humano? Era biólogo

¹ **JEAN PIAGET**: Nasceu em Neuchâtel, Suíça, no ano de 1896 e faleceu em 1980. Sua preocupação mais forte foi com o sujeito epistêmico e estudou a evolução do pensamento até a adolescência. A teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas, uma teoria que supõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis. A teoria piagetiana considera o desenvolvimento na dimensão

e por isso realizou suas pesquisas com seus três filhos e outras crianças. Para ele não interessava as respostas, mas como as crianças chegavam a elas. Escreveu mais de cinquenta livros e monografias, tendo publicado cerca de duzentos artigos sobre o desenvolvimento cognitivo.

Para Piaget a criança é vista como um ser dinâmico que a todo o momento interage com o meio onde está inserida, operando ativamente com objetos e pessoas, e é nessa interação constante com a realidade faz com que a criança construa e adquira formas de fazê-las funcionar.

Piaget é considerado o pioneiro no enfoque construtivista, porém não escreveu diretamente aos professores, mas são eles os maiores beneficiados pelos seus estudos, pois para trabalhar com crianças é preciso saber como ocorre o seu desenvolvimento, para que possamos compreendê-la em todos os aspectos.

No enfoque piagetiano, para (CRAIDY E KAERCHER, 1998, p.26):

Conhecer significa inserir o objeto do conhecimento em um determinado sistema de relações, partindo de uma ação executada sobre o referido objeto. Tal processo envolve, portanto, a capacidade de organizar, estruturar, entender e posteriormente, com a aquisição da fala, explicar pensamentos e ações. Dessa forma, a inteligência vai-se aprimorando na medida em que a criança estabelece contato com o mundo experimentando-o ativamente.

Segundo Piaget, ao nascer a criança não tinha reações mentais prontas e que para adquiri-las passava por três processos básicos: assimilação, que é o processo de absorver alguma experiência, e poder relacioná-la com outras; acomodação, o organismo se adapta a nova experiência, mas não existe acomodação sem assimilação é o equilíbrio entre as duas instâncias que faz a adaptação a nova situação, e por último temos a equilibração, ou seja, a criança se empenha para ter uma compreensão do mundo em que vive. E somente com todos esses processos interiorizados é que ocorre a

prospectiva, ou seja, enfatiza que o processo de formação pode ser concluído através da ajuda oferecida ao sujeito na realização de uma tarefa.

aprendizagem, quando acontece a acomodação, a mente se reestrutura aumentando o seu conhecimento e se adaptando ao meio onde está inserida. Quando não consegue uma assimilação, a criança se reorganiza para que ocorra uma nova equilíbrio. O que evidencia Piaget apud (MOREIRA, 1999, p.103):

A criança nasce com apenas uns poucos esquemas sensório-motores, tais como chupar, olhar, tentar alcançar coisas e pegar, os quais servem para suas interações iniciais com o ambiente, mas, a partir daí, a equilíbrio é a grande força impulsionadora de seu desenvolvimento intelectual.

Além dos processos de assimilação, acomodação e equilíbrio, Piaget descreveu quatro estágios de desenvolvimento cognitivo pelos quais o ser humano perpassa ao longo da sua vida, que são: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 6 anos), operacional concreto (7 a 12 anos), operações formais (12 anos em diante). Os professores de Educação Infantil devem conhecer todos os estágios de desenvolvimento, porém os dois primeiros são básicos para o educador infantil. Pois ele precisa oferecer atividades que o aluno seja capaz de fazer a assimilação, pois esta é a responsável por todos os estágios de desenvolvimento cognitivo.

É importante que todo educador conheça os estágios de desenvolvimento, porém os dois primeiros são básicos para a prática do educador infantil. Pois ele precisa manter um comportamento ético, não permitindo que estas crianças sejam expostas a constrangimentos, devem oferecer atividades que o aluno seja capaz de fazer a assimilação, pois esta, é a responsável por todos os estágios seguintes de desenvolvimento cognitivo.

O estágio sensório-motor vai de zero a dois anos de idade, é a fase em que o bebê responde ao meio que o cerca. Para que uma criança passe de um estágio para outro é preciso que ela seja estimulada, por isso para Piaget é o período de maior assimilação da vida humana, sendo assim, divide-se em seis subestágios:

Reflexos: (0 a 1 mês)- sucção, primeiro instrumento que a criança usa.

Estágio dos primeiros hábitos: (2 a 4 meses)- o bebê repete ações, acompanha objetos com os olhos, movimentos de braço e da boca, suga o polegar, são as reações circulares primárias.

Estágio das reações circulares secundárias: (4 a 9 meses)- conhecido também como, ações sensório motoras intencionais, são movimentos centralizados sobre um resultado produzido no ambiente exterior, com a intenção de mantê-lo.

Estágio da coordenação de esquemas secundários: (9 a 12 meses)- Piaget chama este estágio de assimilação generalizadora. Agora não fica apenas repetindo o que descobriu, mas age com a intenção de fazer alguma coisa nova.

Estágio das reações circulares terciárias: (12 a 15 meses)- aparecem os primeiros sinais de planejamento mental, ou seja, o bebê repete o que sabe para conseguir um novo resultado, pode atirar sucessivamente um brinquedo no chão.

Invenções de meios através de combinações mentais: (18 meses a 2 anos)- a criança já desfruta do pensamento, as palavras são usadas para se referirem aos objetos e as pessoas ausentes. Este estágio representa a transição da inteligência sensório-motora e a inteligência representativa.

O estágio pré-operacional vai dos dois anos de idade aos seis ou até os sete anos. Com o aparecimento da linguagem, há uma profunda modificação na vida intelectual e afetiva da criança. Nesta fase a criança vai construindo a capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas. Descobre através das brincadeiras e da interação com os outros, porém está muito voltada para si mesma, devido ao seu egocentrismo estar muito evidente, o que é a principal característica desse estágio. Acredita nas suas fantasias e dá vida a seres inanimados, sendo assim, seu pensamento é considerado animista. É um período que se caracteriza pelo desequilíbrio, emocional. Vive sob sentimentos intensos como simpatia e hostilidade.



No decorrer do desenvolvimento cognitivo a criança não “perde” nada do que aprendeu, ela acrescenta para fazer a equilibração. Porém agora, surge um novo autor que é Vygotsky¹, o qual é contestado por Piaget em relação ao contexto social, pois na teoria piagetiana os fatores internos prevalecem sobre os externos e na vygotskyana o desenvolvimento varia conforme o ambiente vivido pela criança temos aí um novo paradigma para ser estudado.

Tinha por base o desenvolvimento do indivíduo como resultante de um processo sociohistórico, enfatizando o papel da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo que essa teoria é considerada histórico-social, onde o centro de estudos é a aquisição de conhecimentos a partir da interação do sujeito com o meio.

Para Vygotsky, o funcionamento psicológico estrutura-se a partir das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo social.

Conforme (OLIVEIRA, 2002, p.128):

Vygotsky afirma que toda função psicológica superior manifesta-se, primeiro em uma situação intrapessoal. A mãe pode chamar a atenção da criança para um determinado objeto, perguntando-lhe: “O que é isto?”, ao mesmo tempo em que ajuda a dar uma resposta.

Para Vygotsky citado por (CRAIDY E KAERCHER, 1998), inicialmente a criança utiliza a fala socializada para se comunicar, somente a partir disso é que ela passará a usá-la como instrumento de pensamento com função de adaptação social. E esta seja talvez a principal divergência entre Vygotsky e Piaget, pois para esse último ocorre o contrário, isto é, a fala egocêntrica seria uma transição entre a situação mental do indivíduo e o pensamento lógico, de

¹ **LEV SEMENOVIC VYGOTSKY:** Nasceu em 05 de novembro de 1896 em Orsha, pequena cidade da Bielorrússia. Com cerca de um ano de idade sua família mudou-se para a cidade de Gomel, no mesmo país. Viveu na Rússia, e morreu de tuberculose aos 37 anos em 1934. Professor e pesquisador foi contemporâneo de Piaget. Estudioso russo na área de história, literatura, filosofia e psicologia, é um dos pioneiros da perspectiva *sociointeracionista*, e não apenas interacionista como Piaget. Sua teoria baseia-se no desenvolvimento do indivíduo, sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela *interação* do sujeito com o meio. Os estudos de Vygotsky sobre o desenvolvimento da inteligência e cognição na criança se aproximaram dos estudos desenvolvidos por Piaget e posteriormente pelo psicólogo americano Jerome Bruner.

outro. Porém para ambos, esse discurso egocêntrico é entendido como um fator em transição, entretanto, com processos diferentes.

Ao passo que fundamentou sua teoria Vygotsky tinha por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado sociohistórico. Para ele as funções superiores como a linguagem e a memória eram construídas ao longo da história e essas funções seriam processos voluntários e ações conscientes que dependiam de processos de aprendizagem, pelos quais o indivíduo passa durante sua vida.

Este processo ocorre através da mediação, entre as pessoas e com o próprio ambiente. E é a linguagem que ocupa um papel central, pois é ela que faz o intermédio e a comunicação entre as pessoas, fazendo com que estas subtraíam, generalizem e repartam o pensamento.

Segundo (MOREIRA 1999, p.111):

Essa mediação inclui o uso de instrumentos e signos. Um instrumento é algo que pode ser usado para fazer alguma coisa; um signo é algo que significa alguma outra coisa. Existem três tipos de signos: 1) indicadores, são aqueles que tem uma relação de causa e efeito com aquilo que significam; 2) icônicos, são imagens ou desenhos daquilo que significam; 3) simbólicos, são os que tem uma relação abstrata com o que significam. As palavras, por exemplo, são signos linguísticos, a linguagem, falada e escrita, e a matemática são sistemas de signos.

A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo abertura nas ZONAS DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL, ou seja, é a distância entre aquilo que a criança faz sozinha e o que ela é capaz de fazer com a intervenção de um adulto. O que segundo Vygotsky, se diferencia quando a criança passa por dois níveis: o nível de desenvolvimento real, que é o conhecimento já adquirido, ou seja, o que a criança faz sozinha, sem a ajuda de outras pessoas e o nível de desenvolvimento potencial, que é o que a criança pode fazer, ou aprender, com a interação e a ajuda dos outros. De acordo com (CRAIDY E KAERCHER, 1998, p.25):

Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental em Vygotsky. Para este autor a



zona de desenvolvimento proximal ou potencial consiste na distancia entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Cabe a escola fazer a criança avançar na compreensão do mundo a partir do desenvolvimento já consolidado, tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas.

Segundo Vygostky, a atividade do sujeito refere-se ao domínio dos objetos de mediação, inclusive sua transformação por um exercício mental. Sendo que o sujeito não é apenas ativo, mas sim interativo, por que forma conhecimentos e se constitui de relações intrapessoais.

É justamente na sala de zona de desenvolvimento potencial que pode produzir o aparecimento de novas maneiras de pensar e onde, graças à ajuda de outras pessoas, pode resultar no processo de modificação do esquema de conhecimentos que se tem, construindo novos saberes estabelecidos pela aprendizagem escolar.

Conforme CRAIDY E KAERCHER (1998), Vygotsky enfatiza a importância do brinquedo para o desenvolvimento infantil, principalmente as brincadeiras de faz-de-conta. Outro fator que considera importante é a questão da imitação que é muito utilizada pelas crianças, processo este que entende como uma reconstrução individual daquilo a criança observou nas outras pessoas.

Sendo assim, o professor, segundo Vygotsky tem um papel explícito em interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende através da imersão em um ambiente cultural.

O educador, ao observar a zona de desenvolvimento proximal pode orientar o aprendizado no sentido de acelerar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real.

Outro pesquisador adepto ao sociointeracionismo é Wallon¹. Porém ele se diferencia de Vygotsky ao introduzir em seus estudos a importância do fator

¹ **HENRY WALLON** nasceu no ano de 1879, em Paris, França, e morreu nesta mesma cidade em 1962. Formou-se em Medicina, visando o trabalho em Psicologia, era também versado em Filosofia. Desenvolveu vários estudos

emocional no desenvolvimento da criança. Psicogenética, essencialmente sociocultural e relativista, com forte lastro orgânico, sua teoria considera o desenvolvimento da pessoa completa integrada ao meio em que está inserida, com todos os aspectos integrados.

Ao contrário de Piaget, Wallon procurou envolver-se mais diretamente com a educação, discutindo os ideais da Escola Nova.

Segundo Wallon, apud (OLIVEIRA, 2002, p.130):

Toda pessoa constitui um sistema específico e ótimo de trocas com o meio. Tal sistema integra suas ações num processo de equilíbrio funcional que envolve motricidade, afeto e cognição, mas no qual, em cada estágio de desenvolvimento, uma forma particular de ação predomina sobre as outras.

Esse processo de desenvolvimento está ligado ao desenvolvimento neurológico, como sua condição e limite. A maturação orgânica é vista como uma condição para o desenvolvimento e permite descrevê-lo em estágios sucessivos e integrados.

A cognição é considerada como parte do indivíduo completo que só pode ser compreendida integrada a ela, cujo desenvolvimento se dá a partir das condições orgânicas da humanidade, e é o resultado da integração entre o seu organismo e o ambiente, sendo assim, o desenvolvimento é condicionado tanto pela maturação orgânica, quanto pelo exercício funcional, realizado pelo meio.

O que de acordo com (WALLON, 1979, p. 131):

O que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo (...), mas nele pode ser identificada [a transferência] (...)

sobre a área da neurologia, principalmente a região do cérebro. No período seguinte a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), fez parte de uma comissão que propunha a reforma do sistema francês. Em 1914 atuou como médico do exército francês, permanecendo vários meses no front de combate. O contato com lesões cerebrais de ex-combatentes fez com que revisse posições neurológicas que havia desenvolvido no trabalho com crianças deficientes. No ano de 1925 publicou sua tese de doutorado “A criança turbulenta”. Iniciando uma intensa produção de textos sobre a psicologia da criança. Em 1948 criou a revista *Enfance*, até hoje esta revista tenta seguir a mesma linha editorial inicial, as publicações servem como instrumento de pesquisa para os pesquisadores em psicologia e uma fonte de informação para os educadores.

são as aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social.

Para Wallon apud (LUNARDI, 2003), o desenvolvimento não se dá de maneira linear e contínua, mas sim por integração de novas funções e aquisições às anteriores. O acúmulo quantitativo de funções desencadeia a evolução qualitativa das mesmas a partir de uma nova organização em que os aspectos motores, afetivos e cognitivos se integrem de formas diversas à fase anterior. A preponderância de um dos aspectos sobre os demais é resultado da sua integração.

A emoção, antes da linguagem, é o meio utilizado pelo bebê para estabelecer uma relação com o mundo humano, aos poucos os movimentos de expressão, de início fisiológico, evoluem até se tornarem comportamentos afetivos e mais complexos. As emoções são rápidas e diretas e podem expressar-se como verdadeiras descargas de energia.

A integração entre os aspectos motores, afetivos e cognitivos, que é o centro da teoria da Wallon, e interpretado por (MAHONEY, 2000, p. 15):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional, diferenciada, está tão integrado que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interferem todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa.

Wallon assinala que o desenvolvimento acontece de forma descontínua, sendo caracterizado por rupturas e retrocessos. Marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento em geral. Porém não se refere a novos estágios, mas a um novo tipo de conduta que se torna verdadeiramente dominante, sem limites precisamente fixados pela idade cronológica.

A constituição da pessoa se dá de acordo com suas condições de existência, o meio social e a cultura constituem as condições, as possibilidades e os limites de desenvolvimento para o organismo.

Sendo assim, Wallon divide os estágios de desenvolvimento da criança, afirmando que também ocorre um tipo de interação entre o sujeito e o ambiente:

Estágio impulsivo-emocional (ocorre no primeiro ano de vida): Nesta fase predominam nas crianças as relações sociais com o ambiente e as emoções básicas como bem-estar e desconforto. Vão desenvolvendo, neste período, condições sensório-motoras como pegar, olhar, andar, que serão aperfeiçoadas ao longo do segundo ano de vida. Durante o desenvolvimento, a simbiose respiratória do feto se transforma em simbiose alimentar no recém nascido, e por volta dos três meses, em simbiose afetiva, a qual é característica da espécie humana.

Estágio sensório-motor (1 a 3 anos, aproximadamente): Neste período a criança desenvolve a inteligência prática e a capacidade de simbolizar, ou seja, a conduta representativa (função simbólica) caracteriza a relação com o real. Ocorre uma exploração do mundo físico.

Personalismo (3 aos 6 anos, aproximadamente): Nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interações sociais dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afetivas. O plano do pensamento entre indiferenciação inicial entre inteligência e afetividade é feito.

Conforme Wallon apud (LUNARDI, 2003), para que a humanidade possa sobreviver, é necessário que a imperícia do recém-nascido afete o outro e provoque nele sentimentos de solidariedade; é a garantia de sobrevivência da espécie.

Estágio categorial (6 anos): Nesta fase a criança dirige seu interesse para o conhecimento e a conquista do mundo exterior em função do progresso intelectual que conseguiu conquistar até então.

A criança se vê capaz de participar vários grupos com graus e classificações diferentes segundo as atividades de que participa. Esta etapa é importante para o desenvolvimento das aptidões intelectuais e sociais do indivíduo.

Segundo (WALLON, 1975, p. 215): “Há tomada de consciência pelo indivíduo do grupo de que faz parte. Há tomada de consciência pelo grupo da importância que pode ter em relação aos indivíduos”.

A emoção é o primeiro recurso de que o bebê dispõe para se comunicar com o mundo adulto. É um importante meio de interação social e evolui ao longo da vida, conforme a maturação, as relações com o meio e a cultura. Porém, os aspectos motores afetivos e cognitivos estão sempre integrados entre si.

Finalizamos este estudo compreendendo a grande importância dos autores citados para a compreensão do desenvolvimento infantil. Ainda que esses autores compartilhem dos pressupostos interacionistas, as diferenças entre eles são grandes e não podem ser negligenciadas.

Onde Piaget não é adepto a ideia de que a criança cresce de maneira linear, ela se desenvolve com seus conflitos internos, onde cada estágio estabelece uma forma específica de interação com o outro. Seus estudos focam na relação sujeito-objeto. Já Vygostky dá maior ênfase ao do objeto. Porém ele e Wallon acreditam que o social é imprescindível. A cultura e a linguagem fornecem ao pensamento os elementos para evoluir, sofisticar, a cognitiva social é muito flexível, não existindo linearidade no desenvolvimento, sendo este descontínuo. Tanto o sujeito quanto o objeto são igualmente considerados.

Considerações Finais

O presente artigo teve como propósito realizar o estudo e a revisão teórica a cerca dos pesquisadores: Piaget, Vygotsky e Wallon, os quais possuem vivências diferenciadas sobre o desenvolvimento infantil.

Piaget, biólogo, embasou seus estudos na perspectiva sociointeracionista, percebendo que a capacidade de conhecer e aprender, se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio, onde a criança seja protagonista do seu conhecimento em um processo de interação social no mundo em que vive.

Vygotsky, psicólogo, foi o pioneiro no desenvolvimento intelectual das crianças, considerando as interações sociais e as condições de vida. Ressalta a importância da instituição escolar na formação do conhecimento. Para ele a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente. O bom ensino é aquele que estimula a criança a atingir um nível de compreensão e habilidade que ainda não domina completamente, levando-a a um novo conhecimento.

Wallon, filósofo e médico psicólogo, foi o primeiro a levar além do corpo da criança as suas emoções para a sala de aula. Sua abordagem, considera a criança como um todo, cujo desenvolvimento intelectual envolve mais do que um simples cérebro. Conforme as ideias de Wallon, a escola infelizmente insiste em mobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa. Os temas e as disciplinas não se restringem a trabalhar o conteúdo, mas a ajudar a descobrir o eu no outro. Essa relação dialética ajuda a desenvolver a criança em sintonia com o meio. São elementos básicos de sua teoria: afetividade, movimento, inteligência e formação do eu.

O professor precisa assumir, efetivamente, suas responsabilidades de educar. Muitas vezes, os professores são preparados para trabalhar com alunos abstratos, idealizados, que não existe na realidade. Logo ao iniciar seu



trabalho, percebe que seus alunos não formam uma turma homogênea, mas apresentam muitas diferenças entre si. Desse modo ele passa a perceber que o ensino é mais eficiente quando considera as diferenças entre seus alunos, interesses, aspirações, hábitos e costumes, partindo da realidade socioeconômica vivida por eles.

O novo cenário educacional nos apresenta uma realidade bastante complexa no que tange contextos, crianças, sociedade, princípios e valores. A partir das quebras de paradigmas se faz indispensável nos readaptar e nos reinventar diariamente para que possamos realmente conhecer o nosso aluno respeitando-o e fazendo a diferença em sua vida.

Referências

CRAIDY, Carmem Maria (org.), KAECHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

LUNARDI, Elisiane Machado. **Uma abordagem histórica da infância e educação.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria UFSM, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Introdução. In: Henri Wallon – Psicologia e educação.** São Paulo: Loyola, 2000.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** - São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. (org.) **Educação Infantil: muitos olhares.** 3^a ed.- São Paulo: Cortez; 1996.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento.** Lisboa: Moraes, 1979.